



Formação do Ano Litúrgico

Rev. Sílvio Freitas*

Inicialmente a páscoa era comemorada semanalmente, no domingo, o "dia do Senhor", dia em que Jesus ressuscitou dos mortos. Vemos logo cedo registro da importância deste dia para comunidade cristã. Como nasceu dentro do judaísmo, era comum que os primeiros cristãos guardassem o sábado, mas temos registro sobre a predominância do domingo, já por volta de 115 d.C. Sobre isto escreveu Inácio, Bispo de Antioquia, àqueles que deixaram de observar "o sábado [sétimo dia judaico], mas viviam segundo o dia do Senhor, no qual nossa vida se levantou por Ele e Sua morte"¹. Seguindo forte influência judaica, a páscoa assume uma comemoração anual, segundo o mesmo calendário, ou seja, na 1ª lua cheia de abibe, posteriormente, no período exílico, substituído pelo nome de nisã, mês do calendário judaico, que corresponde em nosso calendário (hemisfério sul) a primeira lua cheia de outono.

Foi a importância que o domingo exercia para os primeiros cristãos, e a datação do calendário judaico, onde o dia de comemoração da páscoa poderia ser qualquer dia da semana, que surgiu a controvérsia "quartodecimana". Diz acerca do debate entre "aqueles que observavam a páscoa em domingo e aqueles (quartodecimanos) que seguiam a datação judaica"². Mas, já no início do sec. IV a igreja reconhece o domingo como dia em que deve ser comemorada a páscoa.

Ainda sobre a importância do domingo para a comunidade cristã, vemos um outro termo que surge também nos primeiros séculos: "dia do sol". No intento de tornar a fé compreensível à época, foi muito comum que os pensadores se apropriassem de elementos da cultura pagã dando-lhe um significado diferente. Um forte indício disto é a influência da filosofia na teologia patrística. É nessa linha de pensamento que o "dia do sol", festa pagã comemorada no domingo, é logo re-interpretada.

Confirmando nosso pensamento, Justino Mártir, por volta de 155 d.C. escreve: "celebramos essa reunião geral no dia do sol, porque foi o primeiro dia, em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos"³.

A páscoa assim é a primeira festa constituída na comunidade cristã. Era na páscoa que os catecúmenos eram batizados, observando jejum na sexta e no sábado,

* Clérigo da Diocese Anglicana do Recife



indo em virgília até que, ao raiar do dia, eram batizados - alusão a ressurreição de Cristo - é isso que nos fala a Tradição apostólica atribuída a Hipólito sec. III.

Com ênfase na preparação dos catecúmenos, é que possivelmente tenha surgido a quaresma - quarenta dias de preparação que antecede a páscoa - há também uma possível associação aos 40 anos de peregrinação do povo de Israel no deserto e/ou aos 40 dias que Cristo também passou no deserto no início do seu ministério. O fato é que, já no sec. IV, no concílio de Nicéia, vemos claramente alusão ao termo como preparação a festa da páscoa.

No que se refere a semana santa, temos indícios materiais também no século IV, isso nas anotações de Etéria, uma mulher espanhola, que por volta de 383 d.C., fala do desenvolvimento de eventos menores que antecederiam o domingo de páscoa: o domingo de ramos relembra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém; na quarta havia uma trama sobre a traição de Judas; na quinta, a ceia seguida de uma virgília no Getsêmani e na sexta, o Gólgota, onde as pessoas, em procissão, passavam pela cruz e a beijavam.

Interessante nos escritos de Etéria, é o papel de destaque do Bispo nestas comemorações. No domingo de ramos, nos conta que "o povo caminhava à frente do bispo entoando hinos e antífonas..."; na quinta feira, depois da comunhão todos "conduzem o bispo para Getsêmani..."⁴.

No decorrer do sec. IV já estava esboçada a Semana Santa.

Pentecostes foi a segunda festa em importância, também com forte influência judaica. Durante "quase quatro séculos o Dia de Pentecostes comemorou tanto a ascensão de Cristo quanto a descida do Espírito Santo"⁵, nos fala James White. Essa dupla comemoração: a ascensão do Senhor Jesus Cristo e o aniversário da Igreja, dia em que ocorrera o descida do Espírito Santo, só tornaram-se distintas no final do sec. IV. A ascensão comemorada 40 dias após o domingo da páscoa, é uma possível alusão ao texto bíblico que fala dos 40 dias que Jesus permaneceu, depois de ressuscitado, com seus discípulos (At. 1:3).

Epifania, outro importante evento do ano litúrgico, diferentemente da páscoa e pentecostes, não é de origem judaica, mas possivelmente Egípcia, é o que também atesta o liturgista Vincent Ryan: "A Epifania é de origem oriental tendo sido provavelmente celebrada inicialmente no Egito. De lá, difundiu-se nas outras Igrejas do oriente, e a seguir rumo ao ocidente, primeiramente na Gália e, mais tarde, em Roma e no norte da África"⁶. A epifania tinha um significado mais abrangente, testemunhava a manifestação de Deus em Cristo, não só no Seu nascimento como também no batismo e milagres que os evangelhos descrevem como início de seu ministério.



No que se refere ao natal, a primeira referência explícita é em 354 d.C., num calendário romano, que assinala o dia 25 de dezembro como dia em que "Cristo nasceu em Belém da Judéia", com possível associação a uma festa Pagã do "Sol Invicto", que teria sido assimilada, recebendo um novo significado⁷. Sendo assim, é comum acreditar que a Epifania é mais antiga que o natal.

O Advento, momento de preparação a epifania/natal, provavelmente se formava num paralelo à quaresma. Num concílio realizado na Espanha em 380, decretou-se que "a partir de 17 de dezembro até o Dia da Epifania, que é 6 de janeiro, ninguém tem a permissão de se ausentar da igreja"⁸, este é um possível precedente para o advento, que só mais tarde foi fixado por Roma as quatro semanas que antecede o Natal.

Completado assim os ciclos do nosso ano litúrgico: O ciclo da páscoa e Epifania/Natal. James White diz que "O ano litúrgico cristão, em particular o ciclo temporal (datas móveis e o ciclo do Natal), estava basicamente completo ao final do sec. 4. A história subsequente é principalmente a historia do contínuo desenvolvimento do ciclo santorial (aquelas datas fixas que comemoram o falecimento dos santos, a parte das datas baseadas no Natal)".⁹

O que mais desperta nossa admiração na história desse processo de construção das comemorações que marcam o nosso ano litúrgico, é justamente o ardente desejo da comunidade cristã em tornar viva as memórias do Senhor Jesus Cristo, baseada em Sua vida, ensinamentos, paixão, morte e ressurreição. Segundo o Rev. Jaci Maraschin: "Desde os tempos antigos os cristãos queriam conservar a memória dos eventos extraordinários ao mesmo tempo que sentiam saudades do que poderíamos chamar de tempo original e originante"¹⁰. Quando somos capazes de adentrar nos sentimentos que foram a força propulsora de tão rica liturgia, se não estivermos mais próximos do próprio Cristo, estaremos com certeza bem próximos do impacto que Sua vida e ensinamentos exerceram na comunidade cristã.

Notas

1. Cyril, Richardson (ed.), *Early Christian Fathers*, Philadelphia: Westminster, 1953, p. 96 [trad. port.: *Cartas de Santo Inácio de Antioquia: Comunidade Eclesiais em Formação*, Petrópolis: Vozes, 1970, p.53] em 3. White, James F. (1997) "Introdução ao Culto Cristão", São Leopoldo/RS, Sinodal, p. 40.
2. White, James F. (1997) "Introdução ao Culto Cristão", São Leopoldo/RS, Sinodal, p. 43.
3. Cyril, Richardson, op. cit., p. 287 [trad. port.: *Justino de Roma: I e II Apologias, diálogo com Trifão*, São Paulo: Paulus, 1995, pp.83-84] em White, James F. (1997) "Introdução ao Culto Cristão", São Leopoldo/RS, Sinodal, p. 40.



4. John, Wilkinson (ed. e trad.), *Egeria's Travels*, London: S.P.C.K., 1971, pp. 132-33 [trad. port.: *Peregrinação de Etéria: Liturgia e Catequese em Jerusalém no Século IV*, Petrópolis: Vozes, 1971, pp. 96-97] em White, James F. (1997) "Introdução ao Culto Cristão", São Leopoldo/RS, Sinodal, p. 43.
5. White, James F. (1997) "Introdução ao Culto Cristão", São Leopoldo/RS, Sinodal, p. 47.
6. Ryan, Vincent (1992) "Do Advento à Epifania", São Paulo/SP, Edições Paulinas, p. 96.
7. Ryan, Vincent (1992) "Do Advento à Epifania", São Paulo/SP, Edições Paulinas, p. 51.
8. Cit. ap. L. Duchesne, *Christian Worship*, 5. ed., London: S.P.C.K., 1923, p. 260, nota 3 em White, James F. (1997) "Introdução ao Culto Cristão", São Leopoldo/RS, Sinodal, p. 48.
9. White, James F. (1997) "Introdução ao Culto Cristão", São Leopoldo/RS, Sinodal, p. 49.
10. Maraschin, Jaci (2004) "Revista Inclusividade - Nº. 6 Liturgia - Meia hora de Silêncio: Liturgia na pós-modernidade", Porto Alegre/RS, CEA, p. 108.

Bibliografia

1. Gonzalez, L. Justo (1978) "Uma História Ilustrada do Cristianismo - A Era dos Mártires", São Paulo/SP, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.
2. Gonzalez, L. Justo (1978) "Uma História Ilustrada do Cristianismo - A Era dos Gigantes", São Paulo/SP, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.
3. White, James F. (1997) "Introdução ao Culto Cristão", São Leopoldo/RS, Sinodal.
4. Ryan, Vincent (1992) "Do Advento à Epifania", São Paulo/SP, Edições Paulinas.
5. Siepierski, Paulo D. e Hinson, E. Glenn "Vozes do Cristianismo Primitivo", São Paulo/SP, Editora Sepal.

